

A herança de Ponciá Vicêncio: curando os traumas coloniais no “escreviver” da literatura negra

ZWANGA NYACK*

Resumo: Este trabalho objetiva fazer uma discussão acerca das possibilidades do uso da literatura como um mecanismo de elaboração dos traumas coloniais que as pessoas negras vivenciaram desde os tempos da escravização até hoje. Nesse sentido, o artigo está dividido em 3 partes. Na primeira, realizo uma breve revisão de literatura acerca da temática do trauma e busco obras que tenham tratado dessa temática, articulando assim com as realidades das pessoas negras. Em seguida, apresento a discussão acerca do “trauma colonial”, como forma de legitimar a literatura que vem emergindo acerca de tal temática. Por último, analiso a obra “Ponciá Vicêncio” de Conceição Evaristo, à luz de teorias e abordagens que foram discutidas nos tópicos anteriores. Assim, destaco a literatura como uma possibilidade de modificação e reconfiguração da língua portuguesa, para que deste modo, mais indivíduos consigam se apropriar e se relacionar com ela das mais variadas formas e longe das amarras coloniais.

Palavras-chave: Literatura; Racismo; Linguagem; Trauma colonial; Escrivivência.

The heritage of Ponciá Vicêncio: curing colonial traumas in the "escriver" of black literature

Abstract: This objective work discusses the possibilities of using literature as a mechanism for the elaboration of colonial traumas that as black people have experienced since the times of slavery until today. In this sense, the article is divided into 3 parts. In the first, carry out a brief review of the literature on the theme of trauma and look for works that have been dealt with on this theme, articulating with the realities of black people. Then, we present a discussion on "colonial trauma", as a way to legitimize a literature that has been emerging on this theme. Finally, analyze the work “Ponciá Vicêncio” by Conceição Evaristo, in the light of the theories and approaches that were discussed in the previous topics. Thus, designate literature as a possibility of altering and reconfiguring the Portuguese language, so that, in this way, it is more appropriate and relates to it in the most varied ways and away from colonial ties.

Key words: Literature; Racism; Language; Colonial trauma; Escrivivência.



* ZWANGA NYACK é mestrando do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ.

Introdução

É certo que, na história da humanidade, as diversas populações enfrentaram inúmeras situações catastróficas que acabaram gerando grandes perdas, seja no sentido material, espiritual, bem como humano. Quando nos debruçamos sobre a história do Ocidente, não é diferente. Observando de forma rápida os acontecimentos que marcaram sua história, percebemos que esta é marcada por ações etnocentristas e genocidas para com aqueles e aquelas que se diferem da “essência ocidental”. Exemplos disso são as colonizações europeias dos territórios africanos, asiáticos e americanos, em meados do séc. XVI, e do Holocausto dos povos judeus ocasionado pela Alemanha Nazista de Hitler. Tal como é de se esperar, esses acontecimentos geraram sequelas nas populações que foram vitimadas pela sede de expansão financeira, territorial, religiosa e de arianização dos povos europeus. Milhares foram as vítimas desses massacres, mas, infelizmente, poucas são as levadas a sério no sentido de responsabilização social e política por parte daqueles que engendraram tamanhos atos violentos.

Muitas são as obras escritas por judeus e judias, de estudiosos da temática sobre o Holocausto. Tais livros foram produzidos no formato de testemunho, como uma ação das vítimas de narrarem aquilo a que sobreviveram, bem como de se afastar dos traumas que herdaram por vivenciarem esses eventos. Esse acontecimento gerou uma forte comoção internacional que desencadeou na criação da Organização das Nações Unidas em 24 de outubro de 1945, logo após o fim da 2ª Grande Guerra. Com isso, houve a mobilização por parte da nova agência internacional junto da comunidade científica de decretar a inexistência de diferenças raciais

baseadas biologicamente. Raça, portanto, não mais existiria.

Estabelecido esse panorama, lanço uma questão: onde encontramos uma responsabilização por parte das potências europeias em relação aos danos causados às comunidades africanas e da América? Uma vez que foi pautada a emergência de literatura de sobreviventes do Holocausto que narravam o mesmo e o grande boom de pesquisas e discussões que tal evento ocasionou, onde podemos encontrar o mesmo movimento pensando as populações africanas e, no caso, as populações afrobrasileiras?

Destarte, divido este trabalho em 3 partes. Na primeira, realizo uma breve revisão de literatura acerca da temática do trauma e tento buscar obras que tenham tratado dessa temática, mas articulado com as realidades das pessoas negras. Em seguida, realizo uma discussão acerca do “trauma colonial”, como forma de legitimar a literatura que vem emergindo acerca de tal temática. Por último, analiso a obra “Ponciá Vicêncio” (2017a) de Conceição Evaristo, à luz de teorias e abordagens que foram discutidas nos tópicos anteriores. Assim, destaco a literatura como uma possibilidade de modificação e reconfiguração da língua portuguesa, para que deste modo, mais indivíduos consigam se apropriar e se relacionar com a mesma das mais variadas formas e longe das amarras coloniais.

Trauma e testemunho: dos/das judaicos/as aos/às negros/as - expandido a questão

A história dos campos de extermínio deveria ser compreendida por todos como sinistro sinal de perigo. (LEVI, 1988, p. 7)

Em “Narrar o trauma - a questão dos testemunhos de catástrofes históricas” Seligman-Silva (2003) tece uma série de reflexões acerca do gesto testemunhal realizado por indivíduos que enfrentaram episódios traumáticos. Entendendo trauma como eventos do passado que se reatualizam no presente na medida em que a vítima narra o acontecimento vivido “como uma memória de um passado que não passa” (p. 69). O autor, assim, argumenta que o testemunho se caracteriza como uma condição de sobrevivência desses sujeitos, se mostrando como uma tarefa quase impossível onde o ato de narrar o inenarrável se realiza. A existência de um outro, na escuta deste testemunho, se faz de fundamental importância para que o ato testemunhal obtenha sucesso.

Como atesta Seligman-Silva (2003), para que o ato do testemunho seja possível é necessário também o retorno em vida daqueles que passaram por essas experiências traumatizantes, pois aqueles que voltam retratam uma carência de narrar que é desencadeada por esses eventos. Nesse sentido, podemos citar diversas obras e relatos que foram tecidos com esse intuito. Os trabalhos de Primo-Levi (1988), Anne Frank (2017), Noemi Jaffe (2019), Wiliam da Silva Lima (1991), dentre tantos outros, podem ser evidenciados como exemplos de tentativas e possibilidades de se narrar as experiências que estes sujeitos passaram nos seus contextos específicos.

Temos, em Primo-Levi, diversas tentativas de elaboração dos traumas herdados em consequência dos anos passados em Auschwitz. Em “É isto um homem?” (1988), o autor não se limita apenas a descrever os momentos de agonia pelos quais passou junto com os outros judeus, mas se utiliza dos fatos ali narrados para realizar um questionamento profundo da sua humanidade e a dos seus semelhantes, bem como a dos seus malfeitores, contrastando seus lugares nesse acontecimento.

Nesse raciocínio de registrar os acontecimentos vividos durante o período da 2ª Grande Guerra, os escritos de Anne Frank (2017) e de Noemi Jaffe (2019) ilustram o cotidiano dos judeus que foram perseguidos pelos nazistas e das estratégias dos quais se utilizaram para sobreviver, quando possível, a essa grande catástrofe humana.

Os acontecimentos experienciados pelas famílias Frank e Van Daan foram minuciosamente descritos no diário de Anne Frank, o qual foi publicado logo após ser encontrado nos escombros de onde sua família se escondia dos nazistas. Jaffe (2019) não vivenciou o período nazista, somente sua mãe, mas, como argumenta, é também uma sobrevivente, pois, já no Brasil, teve que resistir às forças da ditadura empresarial-civil-militar. Assim publicou o livro “O que os cegos estão sonhando?” (2012), onde articula as histórias de sobrevivências suas, de sua mãe e de sua filha.

Em “Filhas das sobrevivências” (2019), Jaffe nos presenteia com uma discussão bastante pertinente e rica acerca do que significa ser sobrevivente. Pois bem, no texto supracitado, Jaffe realiza um exercício de pôr em comparação as noções de “sobrevivência” e “surrealismo” e reflete sobre suas

semelhanças e diferenças. Segundo a autora, é importante estar atento para o modo como o mesmo prefixo pode ganhar significados tão diversos em palavras diferentes. Assim, como num ato de “brincadeira”, ainda conforme Jaffe, podemos atestar a existência de uma “sobrevivência” e de um “sobrerrealismo”,

Ou seja, a sobrevivência como uma suspensão onírica da vida, em que a própria vida física e psíquica é vista e vivida de um ponto de vista distante e “espantado”, incrédulo e estranho, e o surrealismo como uma extensão, um prolongamento difícil e amargurado do real (JAFJE, 2019, p. 110-111)

Surviventes, assim, são aqueles que habitam o intervalo entre a fronteira da vida e da morte cotidianamente (p. 112). Estar vivo para os sobreviventes é algo extremamente estranho, alheio. Pois não conseguem se conectar com as pessoas e nem participar dos acontecimentos corriqueiros que formam a vida. Eles estão suspensos.

Conforme nos demonstra Lopes, Facina e Silva em “Sobrevivência, Linguagem e Diferença: política no tempo de agora” (2019), sobreviver diz respeito a ficar entre o morrer e o viver. Não se trata de meras estratégias de garantir a própria subsistência, nem de um certo amesquinamento da vida. Apoiados em Derrida, as autoras e o autor entendem a noção de “sobrevivência” (nota-se a diferença de categoria utilizada em relação à N. Jaffe) como esse ato de suspensão entre o agora e o que não é mais, justamente como o suplemento entre a vida e a morte.

A literatura que foi elencada para dar início a este tópico, diz respeito às

questões do trauma, bem como do testemunho. Os debates em torno do Holocausto e dos traumas que este deixou no povo judeu, por exemplo, são os que mais entram em voga quando nos debruçamos sobre esta literatura. É sabido que, já há algumas décadas, a escrita de testemunho vem sendo utilizada e maior veiculada em outros campos, para enveredar outras narrativas que dizem respeito a outros eventos catastróficos. O exemplo disso é a literatura de testemunho do cárcere.

Neste campo temático encontramos uma quantidade significativa de escritores que vivenciaram a experiência da prisão e utilizaram de suas escritas para narrar o que viram por detrás das grades. “Crime e Castigo” de Fiódor Dostoiévski (1862), “O cemitério dos Vivos” (1956) de Lima Barreto, “Memórias do Cárcere” de Graciliano Ramos (1994) são exemplos pertinentes do modo pelo qual foram tecidas descrições dos presídios no campo da literatura, e que foram escritas após a experiência do cárcere.

Há, também, os escritos que foram organizados nos formatos de troca de correspondência dos presos para com as pessoas que estavam fora, e dos presos entre si. Exemplos disso são “Cartas de prisão” de Frei Betto (2018) e “Quando eu voltei, tive uma surpresa: cartas para Nelson” (2000) de Joel Rufino dos Santos.

Importante salientar que, no Brasil, o momento em que a literatura de testemunho ganha força se dá nas décadas finais do século XX, onde serão produzidos diversos relatos sobre o que significava ser um preso¹ no período da redemocratização do país. Um livro

¹ Muitos desses presos sendo vistos como “presos políticos” devido a ditadura empresarial-civil-militar.

bastante significativo publicado nos anos 1990, foi “Quatrocentos contra um: uma história do Comando Vermelho” (1991) de William da Silva Lima, conhecido como “Professor Wiliam”, considerado como um dos grandes fundadores do C.V., facção que logo mais tomou projeção nacional, principalmente no início dos anos 2000.

A literatura de testemunho do cárcere, aqui especificada, nos serve de base para compreender as diversas possibilidades de elaboração dos eventos críticos, pelos quais estas pessoas vivenciaram, seja a experiência de ser preso ou de estar em um ambiente, muitas vezes, degradante e sub-humano. Assim como ocorreu com as pessoas que já estiveram na condição de presidiárias, podemos observar que, há bastante tempo, a escrita vem se conformando como o meio pelo qual as diversas populações se utilizam para narrar os acontecimentos experienciados por elas.

As discussões sobre trauma na Antropologia, Literatura, História e na Filosofia são muito pertinentes para este trabalho, na medida em que, ao se debruçar sobre estas ciências e suas contribuições relativas a esta problemática, podemos pensar acerca das possibilidades e experimentações de estendê-las para outras realidades. Dito de outra forma, fazer recortes que, até então, não foram realizados.

Desta forma, busco racializar tais discussões sob o prisma das experiências negras afro-diaspóricas, tendo como base a análise do livro “Ponciá Vicêncio” (2017a) de Conceição Evaristo, para assim, defender a possibilidade da literatura como uma ferramenta potente, dentre muitas outras, de narração e superação do trauma colonial, bem como de desmonte do colonialismo.

E como objetivo deste artigo, pretendo racializar a questão do trauma e do testemunho, o que quer dizer, olhar para esses fenômenos fazendo algumas perguntas: onde está a população negra nessa discussão? De que forma esse fenômeno afeta as populações negras? E de que modo essa teoria se articula com a realidade das pessoas negras, africanas e afrodiáspóricas?

Com isso em mente, podemos perguntar: de que forma a discussão sobre trauma se articula com a realidade das pessoas negras? Estas vivenciaram fenômenos causadores de trauma? Vejamos.

O trauma colonial

Quando o negro se compreende a si mesmo e concebe o mundo de uma maneira distinta, faz nascer a esperança e impõe um retrocesso ao universo racista, é claro que o seu trompete tende a libertar-se e a sua voz a perder a rouquidão. (FANON, 1979, p. 255)

Apesar de a discussão sobre os problemas psicológicos e psiquiátricos que afligem as pessoas negras ainda ser bastante recente, podemos evidenciar alguns trabalhos que se tornaram referências e que ajuda os/as teóricos/as raciais contemporâneos na sua empreitada intelectual de compreender melhor este fenômeno.

Frantz Fanon (1979; 2008) foi um dos primeiros intelectuais negros a escrever sobre a condição mental das pessoas negras, especificamente, dos argelinos, de onde Fanon compartilhava da nacionalidade e das angústias. Psiquiatra, Fanon teve a sua primeira tese de doutorado reprovada pela comissão julgadora, na qual buscou realizar uma análise psicanalítica do problema do negro, que foi publicada somente anos mais tarde sob o título “Pele negra, máscaras brancas” (2008). Nesta obra, o autor trata dos problemas

psicológicos pelos quais passam as pessoas negras quando elas tendem a se relacionar com pessoas brancas, a dialogar com as forças do colonialismo, e do desejo profundo das pessoas negras de se tornarem pessoas brancas, em que, para tal, buscam se envolver com estas, tentando o máximo possível serem assimiladas pelo mundo branco, que Fanon atesta, jamais irá absorvê-las.

“Pele negra...” é uma análise nevrálgica, diria, acerca dos dilemas existenciais que afligem as comunidades negras dentro e fora da Argélia. Não há como negar a aproximação da realidade brasileira quando Fanon afirma que “aquele que idolatra o negro é tão racista quanto o que o execra.” (p. 13) Ora se isso não é representativo das formas pelas quais o Estado brasileiro se apropriou das produções culturais negras, tornando-as símbolos nacionais, e, assim, retirou a população negra dos seus espaços culturais, higienizando-as sob o ideário da Democracia Racial, fica complicado apontar o que seria.

Em “Condenados da Terra” (1979), sem dúvida, um dos maiores tratados políticos do século XX, Fanon articula uma leitura incisiva acerca dos modos pelos quais os dominados realizariam o processo de descolonização. Segundo o autor, a descolonização é um processo que se inicia e se fundamenta na violência, uma vez que essa é a única linguagem e ação que o colonizador compreende. Há, na quinta parte deste livro, um conjunto de interpretações médico-psiquiátricas acerca dos traumas psicológicos deixados na sociedade civil e militar da Argélia, bem como nos seus adversários.

É com Fanon que podemos nos atentar para o modo como as catástrofes humanas podem desencadear traumas e problemas psicológicos nas populações negras. Não que não seja óbvio que esses

problemas fazem parte da realidade das populações africanas, afrodiáspóricas e afrobrasileiras, mas sim que a existência delas não foi levada a sério, ou como algo útil para se estudar e analisar cientificamente. A resposta breve que dou para a questão é: a não visibilidade para os problemas negros integra o conjunto de atitudes de matar e do deixar morrer (vista como “necropolítica”). Para pensar essa realidade no contexto brasileiro, dois nomes devem ser ressaltados.

Virginia Leone Bicudo, socióloga e psicanalista de formação, foi a primeira pesquisadora a escrever uma tese sobre relações raciais no Brasil, bem como se tornou a primeira psicanalista e a principal responsável pela disseminação da Psicanálise no país. Sua tese intitulada “Atitudes raciais dos pretos e mulatos em São Paulo” (1945) foi um marco para os estudos do negro no Brasil realizados pela Escola de Chicago. Bicudo afirma que o preconceito de cor tinha um maior impacto na organização social do que o preconceito de classe, tese esta que a distanciava do seu orientador Donald Pierson. O apagamento que esta intelectual sofreu na história da Psicologia e Psicanálise brasileiras é incomensurável. Somente a partir dos anos 2000 que sua contribuição intelectual começa a ser resgatada e utilizada na construção de um outro tipo de ciência psicológica e psicanalítica.

Neusa Santos Souza, nos anos 1980, publicou sua dissertação de mestrado intitulada “Tornar-se Negro: As vicissitudes do negro em ascensão social” no qual, a partir de uma série de entrevistas realizadas com pessoas negras de origem pobre e que se tornaram classe média, averigua as dificuldades de ser negro em uma sociedade branca. Assim, Neusa aponta para o processo de massacre da

identidade do negro nos espaços brancos, ao qual o negro passará por uma constante autonegação da sua imagem, pois “afastado de seus valores originais, representados fundamentalmente por sua herança religiosa, o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de tornar-se gente” (SOUZA, 1983, p. 18).

A partir dessas duas autoras assistiremos na virada do século o aumento de uma série de estudos voltados para interpretar as correlações entre Racismo/Psicologia/Psicanálise. A título de citação, cabe ressaltar o livro “Psicologia Social do Racismo” de Maria Aparecida Silva Bento e Iray Carone (2003), onde reúne textos inaugurais na sociedade brasileira sobre racismo e psicologia, bem como acerca dos estudos críticos da branquitude.

Em diálogo com o que está sendo proposto neste trabalho, Grada Kilomba em “Memórias de Plantação: episódios de racismo cotidiano” (2019) nos instrumentaliza com uma variedade de ferramentas com vistas a lidar com os traumas psicossociais causados pelo Racismo. Segundo a autora,

(...) o trauma de pessoas negras provém não apenas de eventos de base familiar, como a psicanálise argumenta, mas sim do traumatizante contato com a violenta barbaridade do mundo branco, que é a irracionalidade do racismo que nos coloca sempre como o/a “Outra/o”, como diferente, como incompatível, como conflitante, como estranha/o e incomum. (KILOMBA, 2019, p. 40)

Essa faceta do racismo, de pôr as pessoas negras no lugar de Outro/a, irrompe com as suas subjetividades, arrastando-as para um outro lugar, mais violento ainda, que é o da “outridade”, processo no qual as pessoas negras são enclausuradas nas

representações coloniais reprimidas da sociedade branca.

Toni Morrison (2019), chama atenção para um movimento parecido na literatura, o de “outremização” dos sujeitos negros. Em “A origem do Outro”, Morrison atesta que a “outremização” diz respeito a diversidade de estereótipos raciais presentes na literatura estadunidense que colocam as pessoas negras em posições de subalternidade, servilismo e inferioridade.

Grada Kilomba aponta que o que torna o Racismo um evento traumatizante é a frequência com que ele acontece na vida das pessoas negras, ou seja, diariamente. A autora chama de “episódios de racismo cotidiano” essas ações que forcem as pessoas negras a se reaproximarem das imagens coloniais desumanizadoras. A escravização, o colonialismo e o racismo cotidiano, contém o próprio trauma. Grada Kilomba é tão assertiva, que citarei ela diretamente mais uma vez, com a atenção que ela merece.

O racismo cotidiano não é um evento violento na biografia individual, como se acredita - algo que ‘poderia ter acontecido uma ou duas vezes’ -, mas sim o acúmulo de eventos violentos que, ao mesmo tempo, revelam um padrão histórico de abuso racial que envolve não apenas os horrores da violência racista, mas também as memórias coletivas do trauma colonial. (KILOMBA, 2019, p. 215)

Dessa forma, a autora conceitualiza a experiência do racismo cotidiano como traumática, uma vez que todo caso de racismo evoca sempre os três elementos que compõem o trauma: o choque, a separação e a atemporalidade. Daí que a imagem da Plantation, no português Plantação, representa o símbolo do

passado colonial, que traumático, é reencenado através do racismo cotidiano (p. 213). Assim, aponta, que o “trauma colonial foi memorizado” (p. 213).

No livro, Kilomba nos oferece diversas ferramentas da qual, poderiam ser tiradas para lidar com os traumas deixados pela experiência do racismo. Entretanto, para nos encaminharmos para o final da discussão, ou para o que realmente importa, tomemos uma ferramenta da qual a autora apresenta como possibilidade de superação do trauma. Comentando o trabalho de Jenny Sharpe (2003), “Ghosts Of Slavery”, no qual Sharpe busca reescrever a história da escravização, através da ressurreição de seus ancestrais para, assim, contar a história a partir das pessoas negras, Kilomba aponta que a escrita, em Sharpe, se caracteriza como uma atividade de trazer a vida uma experiência traumática e, desta forma, cravá-la nos confins do passado colonial.

Portanto, me parece que a escrita e suas diversas possibilidades de acontecimentos, no caso a literatura, podem servir como mecanismos de elaboração do trauma. Seligman-Silva (2003) chama atenção para essa possibilidade, quando atesta para a diversidade de formas de narração do trauma, uma vez que muitas dessas experiências são indizíveis, impossíveis de serem traduzidas.

Superando o trauma colonial: A herança de Ponciá

Às vezes, preferimos não lembrar, mas, na verdade, não se pode esquecer. (KILOMBA, 2019, p. 213)

Uma vez compreendido que a literatura pode ser utilizada como um mecanismo de elaboração dos traumas psicossociais que as pessoas negras herdaram desde os tempos de escravização aos dias atuais,

pois como vimos, os episódios de racismo cotidiano reatualizam os horrores do passado colonial, destaco que há registros históricos de documentações escritas pelas pessoas negras, antes mesmo do período da abolição, que retratam as realidades enfrentadas por eles.

A título de exemplo, temos o romance de Maria Firmina dos Reis intitulado de “Úrsula” (1859) no qual a personagem homônima se apaixona por Tancredo e a partir disso vivenciam inúmeros obstáculos existentes na sociedade patriarcal e colonial da época. Além de ser uma das primeiras tentativas de elaboração do trauma colonial por meio da escrita, assim considero, cabe ressaltar que Maria Firmina dos Reis foi a primeira escritora de romance no Brasil, e pioneira na confecção de romance do tipo abolicionista.

Desta forma, podemos indicar aqui toda uma cronologia de escritoras e escritores negros que encontraram na escrita um meio de combater o racismo e superar os traumas herdados pelas experiências vividas. Entretanto, opto por destacar os trabalhos de Conceição Evaristo, especificamente “Ponciá Vicêncio” (2017a).

Em “Ponciá Vicêncio”, a autora narra a trajetória de Ponciá, em busca de melhores condições de vida na cidade, para que posteriormente possa levar seu irmão e sua mãe junto de si, e enfim viverem uma vida mais digna. Considero os trabalhos de Conceição Evaristo como sendo cuidadosos e tocantes registros das experiências negras durante o período do pós-abolição, e na medida que a autora os tece, e nós vamos nos engajando ainda mais na leitura, ela vai, devagar, como uma curandeira que reza sobre nossas cabeças e corpos para nos livrar dos males físicos e espirituais, curando as chagas coloniais e afastando assim, o

“fantasma branco” do racismo (KILOMBA, 2019, p. 219).

Se na medida em que escrevemos, elaboramos os traumas coloniais, vamos enterrando-os sete palmos abaixo do chão, e assim encontramos saídas dentro dessas prisões, vemos nos trabalhos de Conceição Evaristo isso ser elevado a sétima potência, pois suas obras não se limitam a retratar o cotidiano daqueles e daquelas que viram o país se reconfigurar, ou melhor, dar as costas de vez para as populações africanas e afrobrasileiras, mas é profunda porque é também sua história de vida.

Tanto em “Becos das Memórias” (2017) quanto em “Ponciá Vicêncio” (2017a) não só percebemos, como a própria autora já evidenciou isso em vários trabalhos, a conexão entre as biografias das personagens Maria-Nova e Ponciá Vicêncio com a sua própria, sendo costuradas vivência por vivência. Na verdade, não só a biografia de Conceição Evaristo está presente nas suas obras, mas também das pessoas que fizeram parte da sua trajetória de vida. Os personagens vão ganhando vida, a partir da doação de histórias de terceiros, tal qual uma doação de sangue. De certa forma, personagens fictícios e pessoas reais unem-se, no entrelaçamento da escrita, no virar das páginas, e no compartilhamento das experiências cotidianas de racismo (KILOMBA, 2019) e da necropolítica (MBEMBE, 2015), e que ainda assim acreditam na vida.

Essa fusão de personagens fictícios com pessoas reais é uma grande característica das obras de Conceição Evaristo. Conceituada como “escrevivências” a autora vai entrelaçando ficção e realidade e assim vai construindo as histórias das personagens que, apesar das diferenças, uma hora se assemelham com a sua e ambas se tornam, por alguns

instantes, a mesma pessoa, para depois se desdobrar novamente nas suas individualidades. Isso é tão forte, que a própria autora relata que não são raras as vezes em que os leitores confundem o seu nome, ora lhe chamando de Ponciá, e outra a própria Conceição responder a tais chamados.

Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, *no ato da escrita* (grifos meus). Por isso, quando uma leitora ou um leitor vem me dizer do engasgo que sente, ao ler determinadas passagens do livro, apenas respondo que o engasgo é nosso. A nossa afinidade (Ponciá e eu) é tão grande que, apesar de nossas histórias diferenciadas, muitas vezes meu nome é trocado pelo dela. Recebo o nome da personagem de bom grado. Na *con(fusão)* já me pediram autógrafa, me abordando carinhosamente por Ponciá Evaristo e distraída quase assinei, *como se eu fosse a moça, ou como se a moça fosse eu*. (...) Não vou dizer mais nada, apenas afirmo que a história que ofereço a vocês não é a minha história e sim a de Ponciá, mas quando me chamam por ela, quando trocam o meu nome pelo dela, orgulhosamente respondo: presente! (EVARISTO, 2017, prefácio)

É nesse sentido que, penso, ser o entrelace, a fusão entre os personagens e as pessoas que garante ainda mais a eficácia do processo de elaboração do trauma colonial e assim, por mais que não tenham intenção primeira de cuidar das feridas causadas pelo mal colonial, ela ainda assim o faz.

As obras de Conceição Evaristo, assim, nos levam ainda a dar um passo, ou melhor, vários passos para além do ato de escrever, “escreviver” (EVARISTO, 2017), as experiências vividas pelas pessoas negras. Penso que, através das

histórias de Maria Nova e de Ponciá Vicêncio, Evaristo evoca as noções de ancestralidade e de coletividade da luta negra, especificamente em “Ponciá Vicêncio” (2017a).

Nesta obra, Conceição articula diversos elementos da culturas africanas e os introduz na trajetória de Ponciá, sendo constituídos e partícipes da mesma, como os nomes das personagens Luandi (seu irmão), Nêngua Kainda que fazem referência a herança bantu trazida pelos primeiros africanos escravizados, bem como a língua que só os mais velhos, que experienciaram a escravização, sabiam falar. Esses elementos da cultura bantu também se faz presente nos outros seres que aparecem na trama, como o angorô, o próprio arco íris, no qual se Ponciá o atravessasse se transformaria em Menino; até alguns fazeres e dizeres que se apresentam ao longo da narrativa, como o banho de sangue de Tatu que Ponciá tomou assim que nasceu, pois com isso nenhum mal lhe afetaria.

A ancestralidade de Ponciá se anuncia nas suas recordações constantes dos momentos passados com a sua família, do Vô Vicêncio, com quem ela nem teve muito tempo de partilhar a vida, mas que havia todos os seus traços físicos, que ainda criança, reproduziu num boneco de barro a aparência física e estética de seu avô, lembrado pela feição única, na qual transmitia tristeza e alegria, numa angústia sem fim. Durante toda a trama há uma questão na qual não é respondida até as últimas páginas do livro, que diz respeito ao que seria a herança de Ponciá deixada pelo seu avô, onde a jovem deveria ser encontrada pelos seus parentes antes que a tal herança se concretizasse.

Assim, Vô Vicêncio, que falecido desde o início da história, ganha uma centralidade na narrativa por deixar todos curiosos e atentos aos mínimos

detalhes da trama, curiosos de compreendermos qual a herança que ele havia deixado para Ponciá. Vô Vicêncio, depois de toda uma jornada de dor e sofrimentos causadas pelos anos em que trabalhou forçadamente como um escravizado, havia ficado louco, e morreu logo após uma crise profunda de choro e de riso “tão feliz e tão amarga” (op cit, p. 15).

Ponciá que, triste com a vida que vivia na cidade, já sem perspectivas e nada mais lhe fazia sorrir ou caminhar, ficava sentada na porta de casa o dia inteiro, fazendo chuva ou sol, com a ausência ou a presença de seu companheiro, com um semblante triste, cabisbaixa. Sentia-se indignada com as condições de vida que levava e que tinha com a sua família, sentia raiva, mas ainda ficava imóvel. Ponciá já se encontrava num estado de quase loucura, igual a seu avô.

Essa era a herança da qual tanto falavam os personagens da trama e os leitores. Sua melhora, finaliza a autora, se dá quando Ponciá reencontra sua mãe e seu irmão Luandi, e retornam para casa, seguindo o próprio curso das palavras de Nêngua Kianda de quando esta havia encontrado seu irmão. Ele então...

Compreendera que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas. Descobria também que não bastava ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. (EVARISTO, 2017, p. 109-110)

Com isso Conceição Evaristo abre as portas para a reflexão de que as pessoas negras se aproximam da libertação das amarras e das mazelas do racismo, quando realizam o retorno aos seus

ancestrais, aos mais velhos, na finalidade de se fortalecerem, de se tornarem “matéria argamassa de outras vidas” e assim saírem sãos das prisões coloniais.

Segundo Grada Kilomba, as pessoas negras rompem com as forças coloniais quando conseguem apoderar-se de si próprias, negando ao colonialismo a sujeição emocional e corporal que as inferioriza, animaliza. Tornar-se sujeito é a condição *sine qua non* para que haja a descolonização. Esta, ocorre na medida em que as pessoas negras deixam de ser o “Outro/a” e passam a ser elas mesmas, no caso, “Eu”, e, desta forma, pondo limites nas relações para com as pessoas brancas. Somente na condição de ser dona de si, de pertencer a si mesma, que as pessoas negras tornam-se agentes de suas próprias histórias.

É nesse contexto de retorno a si, através da ancestralidade e de afastamento das prisões coloniais presentes tanto nos trabalhos de Grada Kilomba quanto nos de Conceição Evaristo, que vemos, nas duas, a escrita, e aqui posso expandir para a literatura, como uma ferramenta que permite que as pessoas negras consigam fazer esse percurso de volta para si e de suas origens ancestrais. A literatura é um caminho, em meio a tantos e tantos outros possíveis, que pode guiar as pessoas negras rumo a libertação das amarras dos traumas coloniais. Seligman-Silva (2003), por exemplo, menciona que a literatura prestou muitos serviços para a narração do trauma (p.70) e assim como esta, o campo das artes pode ajudar nesse processo de reencenação dos eventos traumáticos e assim as vítimas conseguirem superá-los.

Finalizo, portanto, chamando atenção para o que vejo como um terreno fértil que deve ser ainda mais esmiuçado, que é o da linguagem. Sabemos que a língua portuguesa é bastante colonial e sexista

(GONZALEZ, 1988; KILOMBA, 2019). Nesse sentido, penso que a literatura pode nos ajudar a transformar esta realidade, abrindo espaço para a modificação da linguagem que nós usamos no dia a dia e na confecção dos nossos textos. Para que as demais pessoas que não pertençam ao coletivo de homens, cis, brancos, héteros, possam existir na linguagem. E para isso, se faz necessário reconfigurá-la. A descolonização (FANON, 1979) já carrega essa mudança no ventre.

Referências

- BARRETO, Lima. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. Editora Companhia das Letras, 2010.
- BARRETO, Lima. **O cemitério dos vivos**. Editora Brasiliense, 1956.
- BETTO, Frei. **Cartas da prisão**. Editora Companhia das Letras, 2018.
- BICUDO, Virgínia Leone. **Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. 1945. Tese de Doutorado. Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (Instituição complementar da Universidade de São Paulo).
- CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Editora Vozes Limitada, 2017.
- DOS SANTOS, Joel Rufino. **Quando eu voltei, tive uma surpresa: cartas para Nelson**. Rocco, 2000. EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Pallas Editora, 2017.
- _____. **Ponciá Vicêncio**. Pallas Editora, 2017a.
- FACINA, A. Silva, D. LOPES, A.C. “Introdução. Sobrevivência, linguagem e diferença: política no tempo do agora”. In: Lopes, A.C; Facina; Silva, D. **Nó em Pingo d’água. Linguagem, Cultura e Sobrevivência**. Rio de Janeiro: Mórula e Insular, 2019.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. SciELO-EDUFBA, 2008.
- _____. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira. 1979. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder: organização e tradução de Roberto**

Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, v. 4, 1979.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank.** LeBooks Editora, 2017.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo brasileiro**, v. 92, n. 93, p. 69-82, 1988.

_____. Racismo e sexismo na cultura Brasileira. **Silva, Luiz Antonio. Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos.** ANPOCS. Brasília, 1983.

JAFFE, Noemi; CARTUM, Leda; JOVANOVIC, Vojislav Aleksandar. **O que os cegos estão sonhando?** Editora 34, 2012.

_____. Filhas da Sobrevivência. In: Lopes, A.C; Facina; Silva, D. **Nó em Pingo d'água. Linguagem, Cultura e Sobrevivência.** Rio de Janeiro: Mórula e Insular, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Editora Cobogó, 2019.

LEVI, Primo. **É isto um homem.** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LOPES, A.C, SILVA, D. N., FACINA, A., CALAZANS, R., TAVARES, J., "Letramentos de Sobrevivência. Costurando Vozes e histórias. In: Lopes, A.C; Facina; Silva, D. **Nó em Pingo**

d'água. Linguagem, Cultura e Sobrevivência. Rio de Janeiro: Mórula e Insular, 2019.

LIMA, Willian da Silva. **Quatrocentos contra um: uma história do Comando Vermelho.** Rio de Janeiro, Vozes, 1991.

Morrison, Toni **A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura /** Toni Morrison; tradução Fernanda Abreu; prefácio Ta-Nehisi Coates. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere (vol. I);** prefácio de Nelson Werneck Sodré, ilustrações de Percy Deane, 31º ed., São Paulo, Record, 1994.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

SELIGMAN-SILVA, Marcio. Narrar o trauma – a questão do testemunho de catástrofes históricas. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, vol.15, n.2, p.x /y, 2003.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro.** LeBooks Editora, 2019.

Recebido em 2020-04-10
Publicado em 2021-01-01